

A IMAGINAÇÃO INGLESA NA TEORIA POLÍTICA DE MICHAEL OAKESHOTT

The English Imagination in Michael Oakeshott's Political Theory

Carlos Marques de Almeida *

A julgar pelo título do Ensaio, a ligação entre a Imaginação Inglesa e a Teoria Política pode até parecer a representação definitiva da excentricidade inglesa elevada ao patamar acadêmico de um superlativo ramo da Filosofia Moral. Mas não existe tal pretensão, do mesmo modo que não existe uma descrição derradeira e dogmática de um conceito operacional tão complexo na sua fluidez imaterial e sensível. Se existe uma inspiração para o presente ensaio, esta emana talvez da obra de Nikolaus Pevsner intitulada *The Englishness of English Art* (1955), numa *démarche* similar, tentativa e inconclusiva de identificar uma linha singular e constitutiva também do modo de pensar a Política, da forma de escrever sobre a Política, enfim, do exercício prático da experiência corrente e vigente da Política.

E a propósito da ideia de uma linha singular, surge obviamente a referência de William Hogarth nas suas reflexões estéticas que dão pelo título *The Analysis of Beauty* (1753), obra na qual o Autor identifica, entre a linha recta e a linha curva, a designada “linha serpentina”, também conhecida por “line of beauty”, a gentileza de uma

* Professor e Investigador do Instituto de Estudos Políticos, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa — cmarquesalmeida@ucp.pt.

dupla curvatura que domina o olhar e o espírito pela suave continuidade de uma inesperada variedade — a continuidade do Valor do Passado e a variedade de uma Visão do Futuro. A linha ondulada confunde-se na distância com a superfície de um Mar Oceano flagelado pela sonoridade do vento e pela voracidade da curiosidade humana na leitura do horizonte. Há qualquer coisa de profundamente inglês nesta observação estética do Oceano como quem persegue na ondulação das palavras um qualquer sentido político na dupla obscuridade das linhas de um ensaio.

Na circulação dos sentidos surge ainda Peter Ackroyd no seu volume *Albion-The Origins of the English Imagination*, sobretudo quando o Autor cita Henry Vaughan numa poderosa e incandescente metáfora sobre a Imaginação Inglesa — “Like a great *Ring* of pure and endless light”¹. A Imaginação Inglesa toma assim a forma de um anel ou de um círculo. E é assim interminável, imensa, contínua, porque não tem princípio, porque não tem fim, porque se desloca para trás e para a frente num movimento perpétuo entre o Passado e o Futuro.

Numa primeira aproximação, as reverberações estéticas e literárias apontam o comentador para os quadros de Turner, para as aventuras de Joseph Conrad, para os horizontes de William Golding, para os sons de Vaughan Williams. Neste duplo foco de abordagem, os conceitos que permitem a percepção da especificidade da Teoria Política Inglesa apontam para a necessária elucidação de duas categorias operacionais essenciais ao duplo eixo de reflexão do ensaio, a saber: 1. A Imaginação Inglesa na sua vertente de um Imaginário Marítimo; 2. A Teoria Política na sua vertente de um Imaginário Prático extraído da observação empírica do empreendimento humano. Na composição de uma dupla hélice em curvatura será então possível fazer a transposição do Imaginário Marítimo para o Imaginário Prático próprio da Teoria Política.

A mesma derivação que pode ser encontrada no Notebook 3, datado de 1930, e no qual Michael Oakeshott simplesmente refere que o Mar é uma das grandes metáforas da vida. A exacta derivação que pode ser encontrada no Notebook 18, datado de 1964, e no qual Michael

¹ Peter Ackroyd, *Albion-The Origins of the English Imagination* (London: Vintage Books, 2004), xix.

Oakeshott estabelece que a “Política de um Povo” é o entendimento da “Linguagem de um Povo”, uma expressão prática, concreta, histórica ² específicas, depurada no tempo pelas Intimações da Imaginação.

1. A PERPÉTUA MELODIA DO MAR

A Inglaterra é uma solução de continuidade no Mar Oceano ³. Todas as criaturas reais e mitológicas conhecem a sua localização, seja no Mundo Natural, seja no Imaginário Político Continental. Na Imaginação Inglesa, a metáfora do navio é um símbolo de movimento e de composição, o marco de uma narrativa em que a nave tem de ser pilotada à superfície do Mar evitando o abismo das profundezas. O navio é também a representação da fragilidade do empreendimento humano lançado no grande Oceano da vida, tendo como únicos recursos as âncoras da fé, da esperança, da experiência, do cepticismo, da coragem. A nave enfrenta sempre o desconhecido renovado, o espaço sem princípio e o espaço sem fim, a perpétua mutação de um Mar que tanto se abre às rotas luminosas da Utopia como se fecha nos estreitos sombrios de uma Distopia. Na Geografia da Imaginação Inglesa, o Mar é um lugar de exílio, mas é também a rota de uma aventura, a dupla curvatura em que a felicidade e a perdição se cruzam num destino sempre imprevisível. Seja no exílio, seja na aventura, a Inglaterra é sempre observada como o lugar onde sempre se deseja regressar, o Lar Sólido na Superfície Líquida, talvez o único Porto Primeiro e Derradeiro. Esta auto-percepção de uma Terra ao Largo está na origem de um Imaginário marcado por uma ideia da Inglaterra como um idílio pastoral caracterizado pela calma e pela tranquilidade de um refúgio. Um refúgio que se apresenta na continuidade da curvatura do Mar, como se o Oceano fosse uma paisagem ondulante, reproduzindo a suave curvatura das colinas e dos vales característicos do Countryside Inglês. A nostalgia, o mistério, a melancolia tantas vezes associada a Inglaterra

² Michael Oakeshott, *Notebooks, 1922-86*, ed. Luke O’Sullivan (Exeter: Imprint Academic, 2014), 173, 464.

³ Ackroyd, *Albion*, Chapter 33, 263-267. Na base deste ponto está uma leitura revista e reformulada do referido Capítulo 33.

talvez derive deste Lugar entre dois Mundos onde se fixam todos os Compassos do Mundo.

Como tal, no vocabulário da Imaginação Inglesa, o Mar é a margem do Mundo conhecido e o mistério do Mundo desconhecido. Este duplo fascínio pelo familiar próximo e pelo fantástico distante transparece de forma surpreendente na linguagem e na literatura inglesas através de todo um universo lexical marcado pelo idioma do Mar, marcado pela terminologia técnica da navegação, como se o Mar fosse o ponto de observação por excelência para o empreendimento humano à superfície do Mundo — é como se a natureza humana exibisse a sua fragilidade tendo como referência exclusiva a imensidade da paisagem marítima. Definitivamente a este propósito, as palavras de W.H. Auden em *The Enchafed Flood* vêm reforçar este traço de caráter inscrito no cerne da Imaginação Inglesa — o Mar representa na exactidão “that state of barbaric vegueness and disorder out of which civilisation has emerged”. Para Auden, o Mar é a representação fidedigna da condição da Humanidade, o contexto e o cenário de todas as grandes escolhas e maiores decisões. Na infinidade das fantasias cromáticas, na complexidade da estabilidade melódica, na imprevisibilidade das dissonâncias harmônicas, o Mar é a verdadeira paisagem que devolve um sentido e uma continuidade ao *ensemble* da Imaginação Inglesa.

A importância do Mar é sublinhada ainda de modo impressionante e inesperado por Elias Canetti na sua obra *Crowds and Power*, particularmente quando o Autor estabelece a convergência entre a ligação ao Mar e a expressão de uma disposição política assinalada pela afirmação do “individualismo”⁴. E com a afirmação do individualismo a presença implícita da Liberdade. De acordo com Canetti, na Imaginação Inglesa, cada Inglês tem de si mesmo a imagem de um Capitão a bordo de um navio, um navio que percorre um Mar que existe para ser “governado”. No Imaginário Inglês, o Mar representa quase sempre a possibilidade da eventual experiência de um “desastre”, sendo nesta perspectiva o Oceano observado como uma fonte de “perigo”, mas também e sobretudo como a causa de uma “transformação”. Para

⁴ Elias Canetti, *Crowds and Power* (New York: Continuum, 1960), 159-160.

a Imaginação Inglesa, a vida em Terra e a vida no Mar são “complementares”, são duas faces de uma mesma moeda — ao perigo e à transformação representadas pelo Mar, juntam-se a “segurança” e a “previsibilidade” representadas pelo Countryside. No Countryside tudo tem o seu lugar, objectos e indivíduos, e os indivíduos têm a perfeita consciência das suas práticas, das suas propriedades, do seu lugar no perpétuo fluxo da experiência de uma comunidade.

A reflexão de Elias Canetti remete o comentador para o Imaginário Prático da Teoria Política, suportando uma original e peculiar interpretação em que uma Disposição Liberal surge da experiência política do Mar, ao mesmo tempo que uma Disposição Conservadora emana da experiência política do Countryside. Neste sentido, a Imaginação Inglesa tem uma dupla cintilação empírica, literalmente Liberal e consistentemente Conservadora.

2. A IMPERFEITA PERFEIÇÃO DA PRÁTICA

O Imaginário Prático próprio da Imaginação Inglesa é caracterizado pela expressão verbal e concreta dos exemplos práticos da experiência das regras, das leis, do exercício corrente e observável do Ofício do Governo ⁵. A reflexão política acompanha a prática política na esfera do estilo e da moral, resistindo sempre à construção de um qualquer universo metafísico. Existe um persistente espírito pragmático e “particularista” que contrasta e resiste às tonalidades obscuras de uma reflexão abstracta. O Imaginário Prático é assim recorrentemente associado a uma expressão mais sofisticada do “common sense”, o exercício por excelência e reconhecido no perfil e no carácter do “filósofo realista”. Este *outlook* prático e pragmático é o mais expedito e eficiente em incorporar, em adaptar, em transformar, o universo prático adquirido pela Tradição, sempre e de novo na aplicação de uma dupla curvatura — adapta-se à Tradição ao mesmo tempo que é uma fonte perpétua de renovação e de recriação da própria Tradição,

⁵ Ackroyd, *Albion*, Chapter 47, 383-394. Na base deste ponto está uma leitura revista e reformulada do referido Capítulo 47.

mantendo-se a perspectiva da continuidade sem, no entanto, promover e provocar uma ruptura na identidade.

Esta profusão da Imaginação Inglesa à superfície da Teoria Política explica a observação de Hegel quando o filósofo afirma que “os princípios gerais e abstractos não têm qualquer atracção para os Ingleses”. Do mesmo modo que justifica a distinção feita por Marx e Engels em *The German Ideology* entre o “sistema filosófico Francês” e a evidente simplicidade do “registo dos factos dos Ingleses”. O que Hegel, Marx e Engels identificam com perplexidade e de modo implícito é a afirmação de um carácter político marcado por um “anti-intelectualismo” constitutivo e associado ao Imaginário Prático Inglês. O que os filósofos reconhecem é a ausência de um entusiasmo filosófico provocado pela felicidade da grande especulação ao serviço da Salvação da Humanidade. Desta dissidência relativamente à grande especulação impulsionada pela ilusão da Salvação da Humanidade, abre-se todo um horizonte de possibilidades onde o critério da moderação se estabelece como valor político *pivot* e omnipresente.

No cerne do Imaginário Prático Inglês parece então estabelecer-se a sensibilidade e a consciência de que toda a Teoria Política deriva do conhecimento, do julgamento, da avaliação, da complexidade da experiência prática. Não existem proposições, axiomas, teoremas que possam substituir o teste da prática e o teste do tempo na elucidação das consequências das acções políticas nas suas repercussões passadas, presentes ou futuras. A Imaginação Inglesa tem como expressão predominante na Teoria Política a visão analítica contida no âmbito da metáfora de uma miniatura, a concentração espaçada dos detalhes na economia verbal de um discurso; ou na amplitude da visão no âmbito da metáfora de uma arquitectura, a convocação lógica de elementos díspares e dispersos sem o propósito de um desígnio geral e final. O Imaginário Prático reflecte a sequência de uma Imaginação Circular, não o propósito linear e construtivista de um sistema. Daqui a disposição natural para o estilo e para a forma do Ensaio.

Este carácter associado ao Imaginário Prático gera um conjunto de oposições ou de dicotomias que separam a Teoria Política Inglesa da Filosofia Política Continental, a saber: o concreto *vs.* o abstracto; o prático *vs.* o teórico; o *common sense vs.* o dogma; o amador *vs.* o profissional; o prazer *vs.* a verdade; o centro *vs.* o extremo; o Inglês *vs.* o Francês. Das

categorias específicas associadas à Imaginação Inglesa emana um sentido político que aponta para o exercício vigente, corrente, observável, da prática e da experiência do valor do compromisso.

De acordo com a distinção de Bertrand Russel na sua *History of Western Philosophy*, na Filosofia Política Continental, um vasto edifício em forma de pirâmide é construído por dedução a partir de um ponto original e primeiro. Mas, na circunstância da Teoria Política Inglesa, a base da pirâmide repousa no terreno sólido dos factos observados. Se na Filosofia Política Continental a pirâmide cresce de forma invertida de cima para baixo, na Teoria Política Inglesa, a pirâmide desenvolve-se naturalmente de baixo para cima. A *démarche* é em detalhe e parcelar, tentativa e incremental, abrindo o espaço do Imaginário Prático ao exercício da Liberdade e da Tolerância.

Neste universo dos factos empíricos, a ironia surge como um recurso natural e discursivo inseparável desta faceta da Imaginação Inglesa. A ironia sugere a existência de uma experiência colectiva partilhada que reflecte invariavelmente o discurso e a experiência individuais. É como se no Imaginário Prático existisse um conjunto de sentimentos comuns que apenas precisam de ser sugeridos, dispensando a autoridade das declarações dogmáticas. A ironia enquanto disposição historicamente estabelecida confere à Imaginação Inglesa uma dupla cintilação empírica, literalmente Liberal e consistentemente Conservadora.

3. FACTOS & VALORES: SOBRE A TEORIA POLÍTICA DE MICHAEL OAKESHOTT

Não reconhecer o estilo de um escritor ou filósofo é ignorar grande parte do seu valor e do seu significado. O estilo enquadra as reflexões filosóficas no quadro alargado de um Imaginário Político elucidando os conceitos e as ideias no contexto de uma “Grande Melodia”. A Teoria Política de Michael Oakeshott não é a expressão da Excentricidade Inglesa, nem a pose de um Tory Dandy, nem a visão de um Little Englander, nem o sonho de um Romântico Reaccionário. Convenientemente entendida, a Teoria Política de Michael Oakeshott é sobretudo a expressão superior e por excelência do Imaginário Marítimo e do Imaginário Prático. Da tranquilidade do Countryside à aventura do Império do

Mar, em Michael Oakeshott, o verso de T.S Eliot, “History is now and England”, adquire a projecção de uma expressão Universal.

Considere-se como ponto de irradiação a distinção que Michael Oakeshott faz no ensaio “Political Education” de 1951 entre uma Ideologia, tipicamente uma expressão Política Continental, e uma Tradição de Comportamento Político, tipicamente uma expressão Política Inglesa. Se a Ideologia é uma aplicação sistemática e científica daquilo que Oakeshott denomina por “Politics by the Book”, uma Tradição de Comportamento Político revela uma das passagens mais absolutamente seminais na celebração da Imaginação Inglesa ⁶:

In political activity, then, men sail a boundless and bottomless sea; there is neither harbour for shelter nor floor for anchorage, neither starting point nor appointed destination. The enterprise is to keep afloat on an even keel; the sea is both friend and enemy; and the seamanship consists in using the resources of a traditional manner of behaviour in order to make a friend of every hostile occasion.

Qualquer comentário excede o requisito da inteligência, pois as palavras de Michael Oakeshott exprimem na essência a amplitude do Imaginário Marítimo e a densidade do Imaginário Prático.

Uma outra referência luminosa remete o comentador para o ensaio “On Being Conservative”, originalmente uma *lecture* proferida em 1956, e no qual Michael Oakeshott evoca a novela marítima de Joseph Conrad intitulada *The Shadow-Line* ⁷:

For most there is what Conrad called the ‘shadow line’ which, when we passed it, discloses a solid world of things, each with its fixed shape, each with its own point of balance, each with its price; a world of fact, not poetic image, in which what we spent on one thing we cannot spend on another; a world inhabited by others besides ourselves who cannot be reduced to mere reflections of our own emotions.

⁶ Michael Oakeshott, “Political Education,” in *Rationalism in Politics and Other Essays*, New and Expanded Edition by Timothy Fuller (Indianapolis: Liberty Fund, 1991 — First Edition published by Methuen and Co., 1962), 60.

⁷ Michael Oakeshott, “On Being Conservative,” in *Rationalism in Politics and Other Essays*, 436-437.

Subitamente, na latitude do Imaginário Marítimo em conjugação com o Imaginário Prático, na confluência entre o Mar Oceano e o Countryside, a metáfora operacional da *Shadow-Line* assegura a continuidade e a identidade da Imaginação Inglesa na dupla curvatura de uma cintilação Liberal e Conservadora.

Até que na obra de Michael Oakeshott surge a figuração histórica e empírica daquilo que pode ser designado pelo Mapa Mundi do Imaginário Prático — *The Politics of Faith & The Politics of Scepticism*⁸. Neste planisfério sobre o Imaginário Político surge a Espiral Ascendente da Fé e a Espiral Descendente do Cepticismo como Pólos constitutivos da Política Moderna. A Cultura Política Continental e a Cultura Política Inglesa partilham historicamente estas categorias políticas, mas separam-se empiricamente no exercício da Prática Política. Na perspectiva de Oakeshott, não se está perante uma qualquer “Dicotomia Infeliz”, mas sim perante uma “Harmonia Discordante” entre Pólos. Na circulação permanente e perpétua entre os Pólos, a Cultura Política Continental procura predominantemente o Pólo da Fé, o carácter político do Grande Simplificador e a solução definitiva para o Problema da Política. Na circulação permanente e perpétua entre os Pólos, a Cultura Política Inglesa descobre o carácter político do Trimmer e procura o complexo e sempre imprevisível equilíbrio entre os Pólos com base na aplicação de um Princípio da Moderação. Na Cultura Política Inglesa não existem Arranjos Políticos definitivos, apenas e tão-somente uma Região Média de Movimento entre os Pólos. Se existe uma característica central ao carácter político do Trimmer, eis as palavras de Oakeshott sobre o tema — “the ‘trimmer’ is one who disposes his weight so as to keep the ship upon na even keel”⁹. Mais ainda quando, na terminologia idiomática marítima, “to trim your sails” significa a capacidade de encontrar a configuração certa das velas em conformidade com as condições do vento para se poder garantir o equilíbrio da rota e a velocidade da nave.

Novamente à superfície do Imaginário Prático, como se o Mar Oceano fosse a Grande Paisagem da Imaginação Inglesa, o Imaginário

⁸ Michael Oakeshott, *The Politics of Faith & The Politics of Scepticism*, ed. Timothy Fuller (New Haven and London: Yale University Press, 1996).

⁹ Oakeshott, *The Politics of Faith*, 123.

Marítimo domina a cadência da Reflexão e da Experiência Política Inglesa — uma Reflexão e uma Experiência que não conhece um ponto inicial e primeiro, que não desespera por um ponto final e derradeiro, que enfrenta o Mar sem Fim e o Mar sem Fundo sem a mais ínfima ilusão relativamente à existência de uma Solução Final para além do Perpétuo Restabelecimento do Equilíbrio.

BIBLIOGRAFIA

- Abel, Corey, ed. *The Meanings of Michael Oakeshott's Conservatism*. Exeter: Imprint Academic, 2010.
- Ackroyd, Peter. *Albion-The Origins of the English Imagination*. London: Vintage Books, 2004.
- Oakeshott, Michael. *Rationalism in Politics and Other Essays*. New and Expanded Edition by Timothy Fuller. Indianapolis: Liberty Fund, 1991 (First Edition published by Methuen and Co., 1962).
- Oakeshott, Michael. *The Politics of Faith & The Politics of Scepticism*. Ed. Timothy Fuller. New Haven and London: Yale University Press, 1996.
- Oakeshott, Michael. *Notebooks, 1922-86*. Ed. Luke O'Sullivan. Exeter: Imprint Academic, 2014.